

# A voz do tradutor nas traduções dos paratextos escritos por Charlotte Brontë para a segunda e a terceira edições de *Jane Eyre* – dedicatória, prefácio e nota

The translator's voice in the translations of the paratexts written by Charlotte Brontë for the second and third editions of *Jane Eyre* – dedication, preface and note

Adriana Mayumi Iwasa Braccini\*

Lenita Maria Rimoli Pisetta\*\*

---

\* Universidade de São Paulo; [adriana.iwasa@usp.br](mailto:adriana.iwasa@usp.br); <https://orcid.org/0000-0002-4615-7834>.

\*\* Universidade de São Paulo; [lenitarimolip@usp.br](mailto:lenitarimolip@usp.br); <https://orcid.org/0000-0003-0525-5048>.

**Resumo:** Dedicatórias, prefácios e notas do autor são partes constituintes de um romance, ou seja, foram incluídos no volume do texto principal por vontade de seu autor, como afirma GENETTE (2009) ao definir o que são paratextos editoriais. Charlotte Brontë adicionou ao seu romance *Jane Eyre*, de 1847, uma dedicatória e um prefácio à segunda edição e uma nota à terceira edição, todos assinados com o pseudônimo Currer Bell, cuja relação direta com a escritora somente seria revelada por ela em 1850. Existem no Brasil pelo menos 20 traduções de *Jane Eyre*, sendo que em apenas 11 delas os citados paratextos foram traduzidos. O objetivo deste artigo é demonstrar que a voz do tradutor (HERMANS 1996; SCHIAVI 1996) pode estar presente também na tradução dos paratextos (GENETTE 2009) escritos pela autora, o que pode impactar a mensagem transmitida aos seus leitores no Brasil. Por meio de análise descritiva comparativa das traduções com o texto em inglês dos paratextos, percebe-se que a voz do tradutor está presente principalmente quando é atribuído um gênero ao autor do texto de partida. Tendo em vista que a verdadeira identidade da autora do romance só foi revelada em 1850, argumentamos que os tradutores utilizaram sua voz para fazer escolhas pela autora – três traduções atribuem voz feminina à autora dos paratextos, uma atribui uma voz neutra e as demais, voz masculina.

**Palavras-chave:** Voz do tradutor; Paratextos de traduções; Tradução literária; *Jane Eyre*; Charlotte Brontë.

**Abstract:** Dedications, prefaces, and author's notes are integral parts of a novel, that is, they were included in the volume of the main text by the will of its author, as stated by GENETTE (2009) when defining what paratexts are. Charlotte Brontë added to her novel, *Jane Eyre* (1847), a dedication and a preface to the second edition, and a note to the third edition, all signed with the pseudonym, Currer Bell, whose association with the writer would only be revealed by her in 1850. There are at least 20 translations of *Jane Eyre* in Brazil, but only 11 of them have translated the paratexts. The main point of this article is to demonstrate that the translator's voice can be present (HERMANS 1996; SCHIAVI 1996) in the translation of paratexts (GENETTE 2009), which can impact the way Brontë's message is transmitted to her readers in Brazil. A comparative descriptive analysis of the translated paratexts with those of the English version shows that the translator's voice is present mainly when a gender is assigned to the author of the source text. Considering that the real identity of the author of the novel was only revealed in 1850, we argue that the translators used their voice to make choices in place of the author – three translations attribute a female voice to the author of the paratexts, one attributes a neutral voice and the others, male voices.

**Keywords:** Translator's voice; Translation paratexts; Literary translation; *Jane Eyre*; Charlotte Brontë.

## Introdução

*Jane Eyre* foi o primeiro romance da escritora inglesa Charlotte Brontë a ser publicado, em outubro de 1847, sob o pseudônimo Currer Bell, tendo sido

um sucesso já na sua época; atualmente, é considerado um clássico<sup>1</sup> da literatura mundial, com traduções para diversas línguas, dentre elas o coreano, o árabe e o português brasileiro.

Com o sucesso da primeira edição, uma segunda edição foi publicada em janeiro de 1848, e nela foram incluídos uma dedicatória ao escritor britânico W. M. Thackeray, autor de *Feira das vaidades*, e um prefácio em que a autora, ainda assinando com seu pseudônimo, agradece e responde às críticas feitas ao romance. Na terceira edição foi incluída uma nota com data de abril de 1848 em que a autora esclarece que outros romances atribuídos a Currer Bell não são de autoria deste, confusão essa criada pelo editor<sup>2</sup> de *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, os quais foram escritos por suas irmãs Emily Brontë e Anne Brontë, sob os pseudônimos Ellis Bell e Acton Bell, respectivamente.

A dedicatória, o prefácio e a nota são paratextos (GENETTE 2009) e são relevantes para o autor que os incluiu, no caso Charlotte Brontë sob o pseudônimo Currer Bell; no entanto, esses paratextos não fazem parte do enredo da história contada em *Jane Eyre*. Contudo, eles são importantes na história da escritora Charlotte Brontë, já que tratam de um escritor admirado pela autora; de suas irmãs também escritoras (cujas ações em conjunto levaram à publicação dos três romances) e também de apresentação de justificativas para algumas polêmicas envolvendo as personagens de *Jane Eyre*.

No Brasil, mapeamos 20 traduções/adaptações<sup>3</sup> de *Jane Eyre* para o português, sendo duas fotonovelas e uma história em quadrinhos, além de uma versão recontada, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Traduções de *Jane Eyre* para o português brasileiro analisadas (até 2023)

Título	Tradutor	Ano da edição utilizada	Editora	Traduziu paratextos (total/T ou parcial/P)
<i>Joanna Eyre</i>	Desconhecido	1926	Vozes de Petrópolis	Não

<sup>1</sup> “Atualmente, um clássico tanto pode ser uma obra antiga que persistiu pela sua excelência, como uma obra ou autor que se destaca como referência fundamental na sua própria época, o que é reconhecido pela maior parte da crítica segundo critérios objetivos” (CLÁSSICO 2009).

<sup>2</sup> Como será explicitado mais adiante.

<sup>3</sup> Tendo em vista que o objetivo do artigo é discutir a tradução dos paratextos da autora e que as fotonovelas e quadrinhos não fazem parte do escopo do trabalho, não serão discutidas as diferenças (ou semelhanças) entre tradução e adaptação.

Título	Tradutor	Ano da edição utilizada	Editora	Traduziu paratextos (total/T ou parcial/P)
<i>Jane Eyre (a mulher sublime)</i> (*)	Lefreve, Virgínia Silva	1945	Edições e publicações Brasil S.A	?
<i>Jane Eyre</i>	Viana, Sodré (**)	2018	Nova Fronteira	Não
<i>Jane Eyre</i>	Santarrita, Marcos	1983	Francisco Alves	Sim (T)
<i>Jane Eyre</i>	Esteves, Lenita Maria Rimoli; Pisetta, Almiro	1996	Paz e Terra	Sim (P)
<i>Jane Eyre</i>	Oliveira, Waldemar Rodrigues de	2008	Itatiaia	Não
<i>Jane Eyre</i>	Seixas, Heloisa (***)	2011	Edições Bestbolso	Sim (T)
<i>Jane Eyre</i>	Goettems, Doris	2012	Landmark	Sim (P)
<i>Jane Eyre</i>	Bettoni, Rogério	2017	L&PM	Sim (P)
<i>Jane Eyre: uma autobiografia</i>	Lisboa, Adriana	2018	Zahar	Sim (T)
<i>Jane Eyre</i>	Ciro Mioranza	2019	Lafonte	Sim (P)
<i>Jane Eyre</i>	Duarte, Anna; Duarte, Carlos	2019	Martin Claret	Sim (P)
<i>Jane Eyre</i>	Abreu, Fernanda	2021	Cia das Letras	Sim (T)
<i>Jane Eyre</i>	Rasmussen, Patrícia N.	2021	Principis/ Ciranda cultural	Sim (P)
<i>Jane Eyre</i>	Coutinho, Mario	2022	Clube de literatura clássica	Não
<i>Jane Eyre: uma autobiografia</i>	Prospero, Isadora	2023	Antofágica	Sim (P)
Traduções fora do escopo de trabalho				
<i>Jane Eyre</i>	Desconhecido (quadinhos)	1956	Ebal	-
<i>Jane Eyre</i>	Desconhecido (fotonovela)	1965	Editora Abril	-
<i>Jane Eyre</i>	Desconhecido (fotonovela)	1970	Ed. Vecchi	-
<i>Jane Eyre</i>	Táti, Miécio (recontado em português)	1971	Ediouro	-

(\*) Exemplar não analisado. Há um exemplar disponível na Biblioteca Nacional (RJ), porém, conforme e-mail de 21 mar. 23, não foi possível verificar se há prefácio ou não.

(\*\*) Há diversas republicações da tradução de Sodré Vianna, por diferentes editoras, em distintos anos.

(\*\*\*) Há uma edição publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* (2018) - Mulheres na Literatura, da mesma tradutora.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A decisão sobre traduzir ou não os paratextos escritos originalmente pelo autor do texto na língua de partida pode ser do próprio tradutor, mas na maioria

das vezes é dos patrocinadores (LEFEVERE 1992), ou seja, editores, mercado etc. Porém, ao se decidir pela tradução, a forma como esses paratextos serão apresentados aos leitores do texto de chegada muda à medida que a voz do tradutor (HERMANS 1996; SCHIAVI 1996) encontra-se mais ou menos presente no texto.

Das 20 traduções mapeadas, foram avaliadas 15 consideradas “completas”<sup>4</sup>, sendo que destas, 11 trazem as traduções dos paratextos citados (total ou parcialmente); ou seja, somente essas 11 fizeram parte da análise descritiva comparativa em que avaliamos a presença da voz do tradutor no texto. Dessas 15 traduções, quatro foram publicadas a partir de 1916<sup>5</sup> até 1996, enquanto as 11 restantes foram publicadas desde 2008 até 2023; isto é, 27% foram publicadas em 81 anos, no século XX, e 73% foram publicadas nos últimos 16 anos, no século XXI, o que demonstra um interesse atual muito grande na obra e a importância de seu estudo.

De acordo com a teoria dos Polissistemas de EVEN-ZOHAR (1990), existem diversos sistemas em que obras similares se agrupam, e um deles é o da literatura traduzida. Dentro desse sistema, as obras possuem características comparáveis entre si. Essa comparação pode ser feita utilizando-se um esquema de análise descritiva comparativa, conforme proposto por LAMBERT e VAN-GORP (1985), em que se cotejam algumas traduções com a obra na língua de partida, de acordo com alguns critérios definidos previamente. Tal metodologia será aplicada para a realização do estudo que se pretende apresentar neste artigo, cujo objetivo é verificar em que medida a voz do tradutor impactou a tradução dos citados paratextos escritos pela autora do texto de partida, dada a relevância deles para os admiradores de Brontë.

Desta forma, após esta introdução seguem uma breve descrição dos paratextos (GENETTE 2009) e uma discussão sobre a presença da voz do tradutor (HERMANS 1996; SCHIAVI 1996) nos textos traduzidos. Logo depois, são apresentados os paratextos de Charlotte Brontë em *Jane Eyre* e os resultados da análise descritiva comparativa do texto em inglês desses paratextos com

<sup>4</sup> Foram consideradas completas as traduções com 38 capítulos, como no texto original em inglês, sem análise de se esses capítulos foram integralmente traduzidos ou não.

<sup>5</sup> Foi encontrado um exemplar de 1926 com a identificação de “segunda edição” na folha de rosto; ademais, a introdução do tradutor é assinada com o ano de 1916.

suas traduções para o português, com foco na voz do tradutor, concluindo-se que a sua presença altera a forma como o romance chega para o leitor do texto de chegada em língua portuguesa do Brasil.

## 1. Os Paratextos

De acordo com GENETTE (2009: 9), “paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”, ou seja, os paratextos introduzem o texto aos leitores, seja por meio de um prefácio (exemplo de peritexto) ou de uma crítica publicada em um jornal (exemplo de epitexto), juntamente com outros elementos como a capa, introdução, resenhas etc.

Sendo assim, a discussão deste artigo limita-se a peritextos, mais especificamente a dedicatória, o prefácio e a nota. Segundo GENETTE (2009: 12), fazem parte do peritexto os elementos que se situam “em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inseridos nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas”.

Em relação à dedicatória, GENETTE (2009) a distingue em dois tipos: de obra e de exemplar. Especificamente sobre a dedicatória de obra, ela é utilizada pelo autor para homenagear alguém, porém, segundo GENETTE (2009), pode haver diferentes motivações para sua existência, como a busca de proteção, recebimento pecuniário ou somente a simples homenagem. Genette aponta três formas de dedicatória: epístola dedicatória (quase um prefácio), dedicatória motivada (forma intermediária) e dedicatória. O seu “momento canônico do aparecimento” é “evidentemente a edição original” (GENETTE 2009: 117), sendo o dedicador o autor da obra e o recipiente uma figura pública ou privada, o leitor (explicitamente), uma personagem, a própria obra ou até mesmo o próprio autor. Porém, é importante ressaltar que o leitor, mesmo sem ser mencionado, sempre é o destinatário de uma dedicatória, pois como afirma Genette:

Qualquer que seja a dedicatória oficial, sempre existe uma ambiguidade na destinação de uma dedicatória de obra, que sempre tem em vista pelo menos dois destinatários: o dedicatário, é claro,

mas também o leitor, já que se trata de um ato público no qual o leitor é de algum modo chamado a testemunhar. (GENETTE 2009: 123).

Relativamente ao prefácio, ninguém é obrigado a lê-lo, porém o autor espera que isso aconteça, pois o escreveu. Segundo GENETTE (2009: 160, 162), os prefácios podem ser autênticos (escritos por pessoa real), apócrifos (falsamente atribuídos a uma pessoa real) e fictícios (atribuídos a uma pessoa fictícia), e classificam-se em nove tipos, quais sejam: autoral (autor) autêntico/ apócrifo/ fictício; alógrafo (terceiro) autêntico/ apócrifo/ fictício; e, actoral (personagem) autêntico/ apócrifo/ fictício. No caso em que o autor se utiliza de um pseudônimo, mesmo ao assinar o texto utilizando-o, o prefácio ainda é autoral, ou seja, o autor do prefácio é o autor do texto, que se utiliza de um pseudônimo.

Apesar de o prefácio preceder o texto principal, ele deve ser diferenciado da introdução. Enquanto esta última traz uma explicação necessária para o texto principal, o prefácio traz apontamentos pontuais, que podem se multiplicar ao longo do tempo com sucessivas reimpressões (GENETTE 2009: 145).

O prefácio também pode ser geral, direcionado a um público que o autor ainda não conhece, ou pode ser posterior, quando o autor já tem conhecimento da opinião pública e pode responder e agradecer ao leitor. Em nosso objeto de estudo aqui, é nessa categoria que entram os prefácios publicados a partir da segunda edição. Segundo GENETTE (2009), os prefácios posteriores podem trazer correções ao texto original ou responder aos críticos, que é o mais comum – “é uma defesa moral, religiosa ou política que vamos encontrar na maioria dos prefácios posteriores, dos séculos XVIII e XIX” (GENETTE 2009: 217). Finalmente, o prefácio tardio (ou testamental), escrito bem depois da juventude do autor em que o livro foi publicado, o que permite um diferente tipo de olhar e reflexão.

Em relação à nota, no caso aqui analisado, não se trata de nota explicativa, e sim de uma nota prefacial, que possui as mesmas características de um prefácio, quer dizer, foi acrescentada pela autora do texto para um esclarecimento pontual.

Em resumo, tanto a dedicatória como o prefácio e a nota são partes do texto de partida, e houve intenção da autora de incluí-los em seu livro. A seguir, segue discussão sobre a presença da voz do tradutor na tradução de tais paratextos.

## 2. A Voz do Tradutor

Quando se fala de uma obra clássica traduzida, na quase totalidade das vezes, o leitor associa o autor do texto de partida com o título do romance, ou seja, quem lê o clássico vitoriano *Jane Eyre*, lê o romance escrito por Charlotte Brontë. No entanto, para que esse texto estivesse disponível para o leitor de língua portuguesa, ele precisou ser traduzido por alguém, o tradutor, cujas escolhas definiram o texto de chegada no Brasil, e cuja voz pode estar mais ou menos presente no texto traduzido.

Segundo HERMANS (1996: 24), há uma ilusão de equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada, pois o leitor ignora a presença da voz do tradutor, mas ela está sempre presente. A forma mais explícita é quando há a inclusão de notas do tradutor, porém há diversos outros graus de intervenção no texto até chegar a essa.

SCHIAVI (1996) também discute a voz do tradutor e o quanto ela pode influenciar, ou não, o entendimento do texto, e sua relevância para o estudo de um texto traduzido. Como ela afirma:

Uma tradução é diferente de um original na medida em que também contém a voz do tradutor que, em parte, representa a voz do autor e, em parte, é autônoma. Essa voz cria uma relação privilegiada com os leitores de tradução, em parte mediadora, em parte direta. (SCHIAVI 1996: 3, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Tanto HERMANS (1996) quanto SCHIAVI (1996) discorrem sobre os conceitos de escritor implícito e leitor implícito, e ambos consideram o tradutor parte desse processo de informação, na medida em que ele é o responsável por

<sup>6</sup> No original: “A translation is different from an original in that it also contains the translator's voice which is in part standing in for the author's and in part autonomous. This voice creates a privileged relationship with the readers of translation, part mediational, part straightforward”. (SCHIAVI 1996: 3).

transferir a mensagem do escritor para o leitor final do texto traduzido, que é diferente do leitor final do texto de partida, mas que mesmo assim espera receber a mesma narrativa pretendida pelo escritor do texto de partida, porém com adaptações que o tradutor entendeu necessárias para o texto de chegada, isto é, como afirma SCHIAVI (1996), o ambiente em que se passa a escritura de um texto e o ambiente que envolve o respectivo texto traduzido são diferentes assim como os públicos também os são. Ou seja:

O leitor de tradução receberá um tipo de mensagem dividida, proveniente de dois destinatários diferentes, ambos originais, apesar de em dois sentidos diferentes: um proveniente do autor, elaborado e mediado pelo tradutor, e outro (a língua da tradução propriamente dita) proveniente diretamente do tradutor. (SCHIAVI 1996: 14, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Em resumo, a voz do tradutor está sempre presente em um texto traduzido, de forma mais ou menos explícita, e pode interferir no entendimento do texto de partida pelo leitor do texto de chegada, como será analisado a seguir.

### 3. Os paratextos da autora nas edições de *Jane Eyre*

A primeira edição do romance *Jane Eyre* é de 16 de outubro de 1847, sem prefácio, assinada pelo pseudônimo Currer Bell. Logo após essa publicação, em dezembro do mesmo ano, Brontë escreve para seu editor e solicita que, em caso de uma segunda edição, ela gostaria de fazer algumas correções e substituir o prefácio anteriormente enviado por ela<sup>8</sup>, pois ela desejava explicitar algumas ideias:

---

<sup>7</sup> No original: “A reader of translation will receive a sort of split message coming from two different addressers, both original although in two different senses: one originating from the author which is elaborated and mediated by the translator, and one (the language of the translation itself) originating directly from the translator”. (SCHIAVI 1996: 14).

<sup>8</sup> De acordo com ATKINSON (2019), Brontë havia escrito um breve prefácio para a segunda edição de *Jane Eyre*, porém três dias depois ela enviou ao seu editor outro texto (o mencionado na carta) substituindo-o.

Da minha parte, estou insatisfeita<sup>9</sup> com o prefácio que enviei – eu temo que pareça irreverente. Se o senhor não tiver objeções, prefiro substituí-lo pelo anexo. É um pouco mais longo, mas expressa algo que há muito eu desejava dizer. (BRONTË 2010b: 94, tradução e destaque nossos)<sup>10</sup>.

É interessante notar como Brontë se utiliza dos paratextos externos (epitexto) para escrever o seu paratexto, e por isso ele só existe a partir da segunda edição, sendo um paratexto posterior *ântumo*, definição essa sugerida por GENETTE (2009: 13) para diferenciá-lo do paratexto posterior póstumo (após a morte), ou seja, apesar de posterior, tal paratexto foi inserido após a primeira edição do romance mas antes da morte da autora. Em seu prefácio, Brontë agradece aos críticos, e em diversas cartas que escreveu ao seu editor, ela comenta sobre resenhas de alguns jornais.

Brontë também solicita a inclusão de uma dedicatória ao escritor britânico, W. M. Thackeray, autor de *Feira das vaidades* (1848), que havia enviado uma carta ao editor de Brontë elogiando o romance *Jane Eyre* e o seu autor, que ele intuía ser uma mulher (PETERS 1982). Em outubro de 1847, Brontë já havia escrito ao seu editor comentando a sua admiração pelo escritor (BRONTË 2010a: 88, tradução nossa)<sup>11</sup> – “Eu me sinto honrada em ser aprovada pelo sr. Thackeray porque eu aprovo o sr. Thackeray” –, porém, um fato pessoal da vida do escritor fez com que ela se arrependesse de ter lhe dedicado a segunda edição. A esposa de Thackeray tentara o suicídio e muitos alegaram, devido à dedicatória, que *Jane Eyre* havia sido escrito por alguma governanta da casa do escritor (BRONTË 2010d: 101).

Com relação à nota à terceira edição, devido ao sucesso de *Jane Eyre*, o editor de suas irmãs, Emily e Anne (que no início usavam os pseudônimos Ellis e Acton Bell), deixa a dúvida sobre a autoria dos romances de ambas, *O morro dos ventos uivantes* (1847) e *Agnes Grey* (1847), o que faz com que Charlotte

<sup>9</sup> Aqui fiz minha escolha como tradutora, pois, apesar de esta carta ser assinada pelo pseudônimo, Currer Bell, entendo que as cartas que compõem a coleção foram selecionadas e publicadas em 2010 como um conjunto de correspondências escritas por Charlotte Brontë, às vezes assinando com seu nome, outras com seu pseudônimo, e por isso a escolha pela voz feminina.

<sup>10</sup> No original: “I am, for my own part, dissatisfied with the preface I sent – I fear it savours of flippancy. If you see no objection, I should prefer substituting the enclosed. It is rather more lengthy, but it expresses something I have long wished to express”. (BRONTË 2010b: 94).

<sup>11</sup> No original: “I feel honoured in being approved by Mr. Thackeray because I approve Mr. Thackeray”. (BRONTË 2010a: 88).

Brontë sinta-se na obrigação de se apresentar pessoalmente ao seu editor e a escrever a nota à terceira edição.

## 4. As traduções dos paratextos no Brasil

Os paratextos escritos por Charlotte Brontë em *Jane Eyre* são uma dedicatória ao escritor W. M. Thackeray, assinada pelo autor, e um prefácio e uma nota assinados pelo pseudônimo de Brontë, Currer Bell.

Segue abaixo quadro-resumo com as indicações de tradução dos paratextos nas edições analisadas:

Quadro 2: traduções dos paratextos em *Jane Eyre* (1847)

Tradutor(es)	ano	Paratextos			Gênero autor		
		Dedicatória	Prefácio (segunda edição)	Nota à terceira edição	Masculino	Feminino	Neutro(*)
Santarrita, Marcos Esteves, Lenita; Pisetta, Almiro	1983	X	X	X	X	-	-
	1996	X	X	-	-	X	-
Seixas, Heloísa	2011	X	X	X	X	-	-
Goettems, Dóris	2012	-	X	X	X	-	-
Bettoni, Rogério	2017	-	X	X	X	-	-
Lisboa, Adriana	2018	X	X	X	-	-	X
Mioranza, Ciro Duarte, Anna; Duarte, Carlos	2019	-	X	X	X	-	-
Abreu, Fernanda Rasmussen, Patrícia Prospero, Isadora (**)	2021	X	X	-	-	X	-
	2021	X	X	X	X	-	-
	2023	X	X	-	X	X	-
<b>Quantidade (percentual)</b>		7 (64%)	11 (100%)	7 (64%)	8 (73%)	3 (27%)	1 (9%)

(\*) Explicitamente neutro, ou seja, não indica gênero masculino nem feminino.

(\*\*) Em algumas ocasiões, a tradutora traduz a voz do autor como feminina (dedicatória e prefácio), e em outras, masculina (prefácio).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

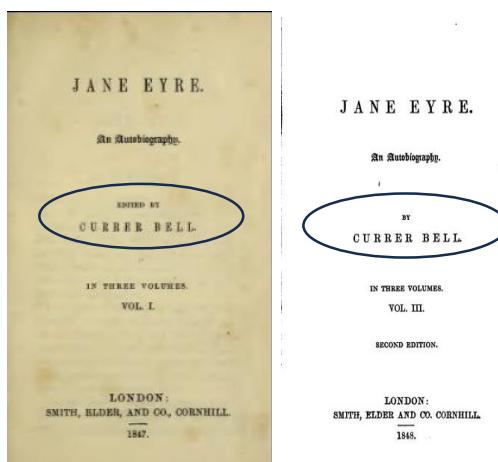
Na primeira edição do romance, Currer Bell foi apresentado como editor de *Jane Eyre* (vide figura 1), porém a partir da segunda edição a menção a “editado por” foi excluída (DAVIES 2006: 542). Com essa alteração, Brontë esperava que a confusão existente sobre a autoria dos romances publicados por

Acton, Currer e Ellis Bell deixasse de existir, como ela expressou em carta enviada ao seu editor em dezembro de 1847:

Acho que, pelas razões que menciona, é melhor substituir Editor por Autor. Eu não me envergonharia de ser considerada a autora de *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, mas, como não possuo qualquer direito real a essa honra, preferiria que ela não me fosse atribuída, privando assim os verdadeiros autores da sua justa recompensa. (Brontë 2010c: 95, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Porém, a exclusão de “editado por” causou controvérsia à época sobre a autoria e gênero do autor do romance. Segundo JUNG (2021), essa exclusão fez com que as pessoas passassem a confundir Currer Bell e Jane Eyre, como se a personagem fosse uma pessoa real que escrevera uma autobiografia. Assim, o gênero de Currer Bell passou a ser questionado também.

Figura 1: Folhas de rosto das 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. edições de *Jane Eyre*



Fontes: wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane\\_Eyre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane_Eyre)) e wikisource ([https://en.wikisource.org/w/index.php?title=File:Jane\\_Eyre\\_\(Second\\_Edition\)\\_Volume\\_3.djvu&page=7](https://en.wikisource.org/w/index.php?title=File:Jane_Eyre_(Second_Edition)_Volume_3.djvu&page=7))

Sendo assim, é relevante também discorrer sobre os pseudônimos utilizados pelas irmãs Brontë. Em 1850, Charlotte Brontë prepara uma edição póstuma dos romances escritos por suas irmãs, Emily e Anne, publicados sob os

<sup>12</sup> No original: “I think, for the reasons you mention, it is better to substitute Author for Editor. I should not be ashamed to be considered the author of “Wuthering Heights” and “Agnes Grey”, but, possessing no real claim to that honour, I would Rather not have it attributed to me, thereby depriving the true authors of their just meed.” (Brontë 2010c: 95).

pseudônimos Ellis Bell e Acton Bell, e inclui uma “Nota biográfica sobre Ellis e Acton Bell” (BRONTË 1997) em que, pela primeira vez, é deixado explícito que Currer, Ellis e Acton Bell eram as irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë. Charlotte Brontë, inclusive, cita a nota à terceira edição de *Jane Eyre* sobre a existência dos três autores, porém afirma que muitos ainda não acreditavam, e essa seria a forma definitiva de fazê-los acreditar. É interessante notar que ela afirma que a escolha de pseudônimos masculinos foi feita de forma que eles fossem ambíguos, ou seja, não deixassem claro que se tratava de escritores do sexo masculino, como descrito na passagem a seguir:

Avessas à publicidade pessoal, acobertamos os nossos próprios nomes sob os de Currer, Ellis e Acton Bell; a escolha ambígua foi ditada por um tipo de escrúpulo conscientioso em assumir nomes cristãos positivamente masculinos ao mesmo tempo em que não gostaríamos de nos declarar mulheres, porque — sem suspeitar nessa altura que o nosso modo de escrever e de pensar não era o que se chama “feminino” — tínhamos uma vaga impressão de que as autoras são suscetíveis de serem olhadas com preconceito; tínhamos reparado como os críticos usam por vezes como castigo a arma da personalidade, e como prêmio um elogio que não é verdadeiro. (BRONTË 1997: 362, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Além disso, Elizabeth Gaskell também relata, na biografia que escreveu sobre Charlotte Brontë, a vontade da autora de manter o seu gênero incógnito.

A Srta. Brontë, como vimos, estava mais ansiosa do que nunca para manter seu incôgnito em *Shirley*. Ela até imaginou que havia menos traços de uma escrita feminina nele do que em *Jane Eyre*; e assim, quando as primeiras resenhas foram publicadas e afirmavam que o escritor misterioso devia ser uma mulher, ela ficou muito desapontada. Ela não gostava principalmente do rebaixamento do padrão com que se julgava uma obra de ficção se ela procedesse de uma pena feminina; e elogios misturados com alusões pseudogalantes ao seu sexo a mortificavam muito mais do que uma culpa real. (GASKELL 1857/1997: 306, tradução nossa)<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> No original: “Averse to personal publicity, we veiled our own names under those of Currer, Ellis, and Acton Bell; the ambiguous choice being dictated by a sort of conscientious scruple at assuming Christian names positively masculine, while we did not like to declare ourselves women, because—without at that time suspecting that our mode of writing and thinking was not what is called ‘feminine’—we had a vague impression that authoresses are liable to be looked on with prejudice; we had noticed how critics sometimes use for their chastisement the weapon of personality, and for their reward, a flattery, which is not true praise”. (BRONTË 1997: 362).

<sup>14</sup> No original: “Miss Brontë, as we have seen, had been as anxious as ever to preserve her incognito in “*Shirley*.” She even fancied that there were fewer traces of a female pen in it than in “*Jane Eyre*”; and thus, when the earliest reviews were published, and asserted that the mysterious writer must be a woman, she was much disappointed. She especially disliked the lowering of the standard by which to judge a work of fiction, if it proceeded from a feminine

Tendo em vista o prefácio que BRONTË (1850) escreveu para a publicação dos romances de suas irmãs e o comentário de GASKELL (1857/1997) acima, percebe-se que Brontë utilizou o pseudônimo por não se sentir confortável em ser reconhecida como uma escritora, ou seja, apesar de ela ser mulher, ela optou por utilizar a máscara de um escritor. No entanto, alguns anos depois da publicação, ela mesma tornou pública a sua condição de mulher.

Todos os paratextos foram assinados por ela com o pseudônimo Currer Bell, masculino; no entanto, na análise de suas traduções a seguir veremos que cada tradutor fez a sua escolha ao manter a voz masculina, alterá-la para uma voz feminina ou optar por uma voz explicitamente neutra.

## 5. Análise descritiva comparativa das traduções para o português dos paratextos

*Jane Eyre* possui três paratextos escritos por Charlotte Brontë: dedicatória, prefácio e nota. A seguir apresentam-se as análises descritivas comparativas do texto na língua de partida, inglês, com as suas traduções na língua de chegada, português do Brasil, de cada paratexto individualmente.

### 5.1. Análise descritiva comparativa: dedicatória

Charlotte Brontë dedica *Jane Eyre* ao escritor W. M. Thackeray, autor de *Feira das vaidades* (1848), na segunda edição de seu romance, diferente do que afirma Genette (2009) ser o mais comum, que é a publicação das dedicatórias nas primeiras edições (de outra forma, poderia causar algum estranhamento ao leitor). No caso de Brontë, a decisão de fazer uma dedicatória só aconteceu depois de ela saber que o escritor, o qual ela já admirava, havia lido *Jane Eyre* e gostado. Aliás, em cartas que escreveu ao seu editor ela até se questiona se deveria mesmo ter feito essa dedicatória.

---

pen; and praise mingled with pseudo-gallant allusions to her sex, mortified her far more than actual blame". (GASKELL 1857/1997: 306).

Genette (2009) afirma que a dedicatória também se direciona ao leitor, pois é pública, ou seja, a tradução da dedicatória é relevante uma vez que esse texto foi escrito para ser de conhecimento também do leitor da obra. Entretanto, o que acontece nas traduções no Brasil é que, algumas vezes, mesmo quando os prefácios são traduzidos, a dedicatória não o é, parecendo haver uma falta de coerência nas escolhas tradutórias.

Somente em sete das 15 traduções analisadas, das quais 11 traduziram o prefácio, a dedicatória foi traduzida. Nesse momento, já é possível identificar a presença da voz dos tradutores na decisão por se utilizar voz masculina (exemplo 1), feminina (exemplo 2) ou neutra (exemplo 3) na tradução do termo “*author*”, conforme demonstrado abaixo:

Texto em inglês:

To  
W. M. Thackeray, Esq.,  
This Work  
Is Respectfully Inscribed  
By  
**The Author**  
(BRONTË 1847/2006: 3)

Exemplo 1:

A  
W.M. Thackeray, Esq.,  
esta obra é  
respeitosamente  
dedicada  
**pelo Autor**  
N.T. As primeiras edições de Jane Eyre foram publicadas sob um pseudônimo — Currer Bell — masculino, e assim, as referências de Charlotte Brontë a si mesma, na dedicatória e nos prefácios, são feitas neste gênero. — N.T.  
(BRONTË 1983: n.p., tradução de Santarrita)

Exemplo 2:

Ao  
Ilustríssimo Sr.  
W.M. Thackeray  
esta obra  
é respeitosamente dedicada  
**pela autora.**  
(BRONTË 1996: 5, tradução de Esteves e Pisetta)

### Exemplo 3:

Ao exmo. sr. W.M. Thackeray  
esta obra é respeitosamente dedicada  
(BRONTË 2018: 17, tradução de Lisboa)

Ao observar os exemplos acima, nota-se a voz do tradutor presente em todos eles na tradução do termo “*author*”, que é neutro em inglês, mas que em português assume a forma masculina “autor”, seja na alteração para o gênero feminino, dado que autoria de Brontë é atualmente conhecida, seja na decisão da neutralidade explícita, mantendo a dúvida existente na época. No entanto, Santarrita (1983) é o que mais explicitamente aparece ao incluir uma nota de tradutor, que conforme Hermans (1996) é quando o tradutor deixa mais claro que há uma ilusão da equivalência entre o texto de origem e o texto de chegada. Essa nota explica a sua motivação pela escolha do gênero masculino, não só na tradução da dedicatória mas em todos os momentos em que Charlotte Brontë menciona a si mesma.

## 5.2. Análise descritiva comparativa: prefácio

Das 15 traduções analisadas, em 11 o prefácio à segunda edição foi traduzido, e mais uma vez é possível observar que os tradutores se tornaram visíveis ao escolher o gênero da voz do autor do prefácio. Poder-se-ia dizer que essa voz somente seria notada pelo leitor que conhece a história de Charlotte Brontë, porém, quando a autoria do livro é dada para a escritora e quem assina os paratextos é o pseudônimo Currer Bell, a escolha do tradutor fica evidente, como nos exemplos abaixo.

As diferenças já aparecem na tradução do título, “*Preface*”, em que apenas cinco optaram por simplesmente traduzir por “Prefácio”. Os demais fizeram escolhas diferentes de tradução: “Prefácio do autor” (1); “Prefácio à segunda edição” (2); “Prefácio do autor à segunda edição inglesa” (1), “Prefácio da edição de 1847”(1) e “Prefácio da autora” (1), dos quais destacamos os exemplos 4 e 5 a seguir em que os tradutores optaram por esclarecer que o prefácio pertence ao texto de partida em inglês, e não à tradução.

#### Exemplo 4

Prefácio do autor à segunda edição inglesa  
(BRONTË 2011, tradução de Seixas)

#### Exemplo 5

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE 1847<sup>15</sup>  
(BRONTË 2019, tradução de Duarte e Duarte)

Além dessas intervenções, no corpo do texto do prefácio os tradutores deixam claro se o gênero escolhido para o autor do texto é masculino ou feminino ou se há neutralidade. É interessante notar que a tradutora que opta pela neutralidade o deixa bem explícito em sua tradução, como no exemplo 6 a seguir:

Texto em inglês:

To the Press, for the fair field its honest suffrage has opened to an obscure aspirant.  
(BRONTË 1847/2006: 5)

#### Exemplo 6

E depois à imprensa, pelo considerável espaço que seu honesto julgamento abriu a **um obscuro aspirante**.  
(BRONTË 2019: 9, tradução de Mioranza)

À imprensa, pelo horizonte que sua avaliação positiva abriu para **uma aspirante desconhecida**.  
(BRONTË 2019: 13, tradução de Duarte e Duarte)

À Imprensa, pelo espaço razoável que seu honesto sufrágio abriu a **um nome obscuro de aspirante**.  
(BRONTË 2018: 527, tradução de Lisboa)

Outra ocorrência interessante é a tradução do termo “parent”. Quatro optaram por traduzir por “mãe”, dois optaram por “pai”, três optaram por “parente/parenta”, outro por “fonte” e outro por “origem”. Pelo contexto do texto, “parente” não parece ser a melhor opção, provavelmente o que ocorreu foi a confusão pelo falso cognato, no entanto a dicotomia pai X mãe é interessante, pois mais uma vez demonstra existir um posicionamento do

---

<sup>15</sup> Aqui há um equívoco, pois a segunda edição foi publicada somente em janeiro de 1848.

tradutor em definir quem é o responsável pela intolerância. No entanto, essa escolha parece não ter relação com a escolha de autor ou autora do prefácio. Como verificado no exemplo 7, tanto Santarrita (1983) que no exemplo 1 optou por “autor” como Esteves e Pisetta (1996) que optaram por “autora”, optaram neste caso por “mãe”, enquanto Lisboa (2018) que havia optado por manter o termo neutro, aqui opta por “parente”, que parece ser um termo equivocado. A tentativa de manter a neutralidade pode ter levado ao erro.

#### Texto em inglês

I mean the timorous or carping few who doubt the tendency of such books as “Jane Eyre:” in whose eyes whatever is unusual is wrong; whose ears detect in each protest against bigotry—that **parent of crime**—an insult to piety, that regent of God on earth. (BRONTË 1847/2006: 5)

#### Exemplo 7

Refiro-me aos poucos tímidos ou descontentes que duvidam da tendência de livros como *Jane Eyre*: a cujos olhos tudo que seja incomum é errado; cujos ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância – **mãe** do crime – um insulto à religião, essa regente de Deus na terra.

(BRONTË 1983: n.p., tradução de Santarrita)

Refiro-me àqueles poucos medrosos e censuradores, que suspeitam da tendência de certos livros como *Jane Eyre*: aos olhos dos quais tudo o que é incomum é errado; cujos ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância – aquela **mãe** do crime – um insulto à piedade, que é a regente de Deus na terra.

(BRONTË 1996: 8, tradução de Esteves e Pisetta)

Refiro-me aos poucos timoratos ou capciosos que têm dúvidas quanto à tendência de livros como *Jane Eyre*, aqueles a cujos olhos o que quer que seja incomum está errado, e cujos ouvidos detectam em cada protesto contra a intolerância - que é **parente** do crime - um insulto à devoção sincera, essa regente de Deus na terra.

(BRONTË 2018: 528, tradução de Lisboa)

No prefácio também são citados vários personagens bíblicos. Com exceção de Goettems (2012), responsável por uma edição bilíngue, todos os demais tradutores os adaptam para o português, total ou parcialmente, e nem sempre para o mesmo termo. Por exemplo, o nome Ahab foi adaptado por Acab, Acabe ou foi mantido Ahab. Já quando o romance de Thackeray, *Vanity Fair* (1848) é citado, apenas dois tradutores optam por mantê-lo na língua de partida.

Enfim, percebe-se pelas traduções dos prefácios que as vozes dos tradutores estão presentes, seja na decisão de explicitamente colocar em português “autor”, o que combina com a assinatura “Curer Bell”; seja na alteração para a voz feminina; seja na opção pela neutralidade sem a utilização de um termo que identifique o gênero do autor, como em “nome obscuro” que tanto poderia se referir ao pseudônimo Curer Bell como à escritora Charlotte Brontë, em conformidade com a afirmação de SCHIAVI (1996: 3) de que a voz do tradutor está presente tanto quando ele mantém a intenção do autor do texto de partida como quando ele faz escolhas próprias.

### 5.3. Análise descritiva comparativa: nota

A nota escrita por Charlotte Brontë intitula-se “*Note to the Third Edition*” e foi traduzida em seis edições como “Nota à terceira edição”, com uma exceção, conforme exemplo 8 abaixo:

Texto em inglês:

Note to the Third Edition  
(BRONTË 1847/2006)

Exemplo 8

**Nota do autor à terceira edição inglesa**  
(BRONTË 2011, tradução de Seixas)

No prefácio, a tradutora Heloisa Seixas também deixou explícito que se tratava de paratexto do autor no caso do prefácio à segunda edição e da nota à terceira edição. Ademais, somente a tradutora Fernanda Abreu inclui nota explicativa<sup>16</sup> com a motivação de Brontë. No entanto, essa nota não tem relação com o processo tradutório.

## Considerações Finais

---

<sup>16</sup> “Referência a *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, e *Agnes Grey*, de Anne Brontë, ambos publicados em 1847, cujas vendas seu editor tentou alavancar espalhando o boato de que eram também obras de Curer Bell, pseudônimo de Charlotte Brontë.” (BRONTË 2021a, nota da tradutora Fernanda Abreu).

Ao realizar a análise descritiva comparativa dos paratextos escritos por Charlotte Brontë em *Jane Eyre*, quais sejam: dedicatória, prefácio e nota, percebemos que os tradutores tiveram que fazer diversas escolhas para traduzi-los, deixando a sua voz mais ou menos presente.

Inicialmente, constatamos que das 15 traduções levantadas, apenas 11 delas tinham os citados paratextos traduzidos. Desses, somente quatro traduziram os três textos; uma traduziu somente o prefácio; três traduziram a dedicatória e o prefácio e três traduziram o prefácio e a nota. Apesar de essas escolhas terem sido feitas provavelmente pelos patrocinadores (LEFEVERE 1992), ainda assim elas interferem no texto de chegada que o leitor no Brasil terá acesso, pois mesmo que os paratextos não façam parte do enredo principal de *Jane Eyre*, eles fazem parte do volume principal e só existem porque o autor assim o quis, conforme afirma GENETTE (2009).

Em seguida, verificamos que, apesar de atualmente sabermos que a autora do romance é uma mulher, Charlotte Brontë, desde a época da sua primeira publicação, em 1847, até 1850, essa informação não era conhecida, afinal, quem assinava o romance era Currer Bell, pseudônimo assumido pela escritora. As traduções analisadas explicam quem seria Currer Bell, com exceção das realizadas por Esteves e Pisetta (1996) e por Rasmussen (2021), o que pode fazer com que o leitor do texto de chegada entenda que se trata de duas pessoas distintas. Nesse caso, as vozes dos tradutores Esteves e Pisetta que escolheram o gênero feminino para a autora do prefácio foi relevante.

Finalmente, contatamos que é com a escolha do gênero do responsável pelos paratextos que a voz do tradutor fica mais visível e a intermediação que ele faz entre o texto de partida e o texto de chegada fica mais evidente. Ou seja, como afirma SCHIAVI (1996) e HERMANS (1996), o tradutor é um intermediador na entrega da mensagem da autora, Brontë, para o leitor do texto traduzido, que é diferente do leitor do texto de partida em inglês. E a existência da confusão que pode ter ocorrido sobre a autoria de *Jane Eyre* para quem leu o romance até 1850, em que não se sabia da existência de Charlotte Brontë e conhecia-se somente o pseudônimo Currer Bell, passa a ser de responsabilidade do tradutor intermediador da mensagem para o leitor do texto traduzido.

Desta forma, concluímos que os leitores de cada uma dessas traduções poderão ter entendimentos diversos dependendo das traduções que lerem. Para os que querem conhecer melhor a escritora, em quatro das 15 traduções existentes, isso não será possível, pois os paratextos escritos pela autora não estão presentes. Em relação às demais 11 traduções, a voz do tradutor pode impactar o modo como a mensagem da autora é transmitida, pois em sete delas os tradutores mantiveram a escolha de Brontë, “author”, que apesar da neutralidade em inglês, em português assume o gênero masculino “autor”, mas somente um (Santarrita) deixou a sua voz de tradutor explícita; dois modificaram para o gênero feminino; uma intercalou o uso de voz masculina e feminina e uma não explicitou nenhum gênero. Ou seja, a voz do tradutor também está presente na tradução de paratextos do próprio autor do texto de partida e impacta a forma como a mensagem do texto de partida é transmitida ao leitor final do texto traduzido.

## Referências

- ATKINSON, J. Explanatory Notes and Selected Variants. In: C. BRONTË. *Jane Eyre*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. London: Penguin Classics, 2016 [1847].
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Oxford: Oxford University Press, 2019 [1847].
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. Desconhecido. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1926.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. M. Santarrita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. L. Esteves e A. Pisetta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. W. R. de Oliveira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2008.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. H. Seixas. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. D. Goettems. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. R. Bettoni. Porto Alegre: L&PM, 2017. *E-book*.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. S. Viana. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. A. Lisboa. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. C. Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2019.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. A. Duarte e C. Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2019.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. F. Abreu. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021a.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. P. Rasmussen. Jandira: Principis/ Ciranda Cultural, 2021b. *E-book*.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. Trad. M. Coutinho. Dois Irmãos, RS: Clube de Literatura Clássica, 2022.
- BRONTË, C. *Jane Eyre: uma autobiografia*. Trad. I. Prospero. Rio de Janeiro: Antofágica, 2023.
- BRONTË, C. Biographical notice of Ellis and Acton Bell (Appendix). In: E. Brontë. *Wuthering Heights*. Oxford: Oxford University Press, 1997: 361-367.
- BRONTË, C. To W. S. Williams, 28 October 1847. In: M. Smith (Ed.). *Selected Letters*. Oxford: Oxford University Press, 2010a: 88.
- BRONTË, C. To W. S. Williams, 21 December 1847. In: M. Smith (Ed.). *Selected Letters*. Oxford: Oxford World's Classics, 2010b: 94.
- BRONTË, C. To? W. S. Williams, 31 December 1847. In: M. Smith (Ed.). *Selected Letters*. Oxford: Oxford World's Classics, 2010c: 95.
- BRONTË, C. To W. S. Williams, 28 January 1848. In: M. Smith (Ed.). *Selected Letters*. Oxford: Oxford World's Classics, 2010d: 101.
- CLÁSSICO. In: *E-DICIONÁRIO de Termos Literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/classico>. Acesso em: 3 maio 2023.

- DAVIES, S. Notes. In: C. Brontë. *Jane Eyre*. London: Penguin Classics, 2006: 542.
- EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Studies. *Poetics Today*, n. 1/v. 11, 1990.
- GASKELL, E. *The Life of Charlotte Brontë*. London: Penguin Classics, 1997 [1857].
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Trad. A. Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- HERMANS, T. The Translator's Voice in Translated Narrative. *Target*, n. 1/v. 8, 1996, pp. 23–48. DOI 10.1075/target.8.1.03her
- JANE EYRE. In: WIKIPEDIA. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane\\_Eyre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jane_Eyre). Acesso em: 21 abr. 2024.
- JANE EYRE. In: WIKISOURCE. Disponível em:  
[https://en.wikisource.org/w/index.php?title=File:Jane\\_Eyre\\_\(Second\\_Edition\)\\_Volume\\_3.djvu&page=7](https://en.wikisource.org/w/index.php?title=File:Jane_Eyre_(Second_Edition)_Volume_3.djvu&page=7). Acesso em: 21 abr. 2024.
- JUNG, D. ‘Currer Bell’: Jane Eyre’s Alternative Proper Name. *Brontë Studies*, n. 1/v. 46, 2021, pp. 43-55. DOI: 10.1080/14748932.2021.1835064
- LAMBERT, J.; VAN GORP, H. On Describing Translations. In: T. HERMANS (Ed.). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. New York: Routledge, 1985: 42-53.
- LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge, 1992.
- PETERS, M. An Unpublished Brontë Letter: The Second Edition of “Jane Eyre”. *Brontë Society Transactions*, n. 2/v. 18, 1982, pp. 115–119, DOI: 10.1179/030977682796456704
- SCHIAVI, G. There Is Always a Teller in a Tale. *Target*, n. 1/v. 8, 1996, pp. 1–21. DOI 10.1075/target.8.1.02sch